

A reflexividade em jovens estudantes universitários sobre o cotidiano na pandemia de covid-19

Pandemic Reflections Among Young Brazilian University Students

Paulo Cesar Rodrigues Carrano

Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

Maria Rodrigues Pereira

Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO

O presente artigo visa compreender as reflexões de jovens sobre a vivência da pandemia de COVID-19 e problematizar efeitos das novas visões suscitadas sobre si e o mundo nos seus processos de individuação. Para tanto, foi analisado um conjunto de imagens e narrativas produzidas por estudantes universitários para o projeto “Juventude e Cultura Visual: cotidianos revelados em fotografias de jovens estudantes” durante o período marcado pelo isolamento social. Os resultados mostram que a pandemia provocou os jovens a ressignificarem o valor das experiências estéticas, dos laços sociais e dos espaços públicos, e a considerar as limitações do mundo digital. Ao mesmo tempo, impasses à gestão do presente, à projeção do futuro e à manutenção de conquistas do passado levaram a elaborações sobre o tempo e suas articulações com o espaço.

Palavras-chave: Pandemia, Jovens, Estudantes Universitários, Cotidiano, Reflexividade.

Recebido em 01 de outubro de 2023.
Avaliador A: 01 de fevereiro de 2024.
Avaliador B: 20 de fevereiro de 2024.
Aceito em 21 de junho de 2024.



ABSTRACT

This article aims to understand the reflections of young people on the experience of the COVID-19 pandemic social isolation and to problematize the effects of the new visions raised about themselves and the world on their individuation processes. Regarding this purpose, a set of images and narratives produced by university students to the project “Youth and Visual Culture: everyday life revealed in photographs by young students” during the period marked by social isolation was analyzed. The results show that the pandemic has provoked young people to re-signify the value of aesthetic experiences, social bonds and public spaces, and to consider the limitations of the digital world. At the same time, challenges in the management of the present, the projection of the future and the maintenance of past achievements have led to elaborations on time and its articulations with space.

Keywords: Pandemic, Young Adults, University Students, Daily Life, Reflexivity.

INTRODUÇÃO

A reconfiguração das relações do sujeito consigo e com o mundo forçada pela instauração da crise sanitária e as medidas de isolamento social dela decorrentes operou como um convite a desnaturalizar certas práticas e valores. Em um primeiro momento, com pouca certeza do fenômeno em curso e a aposta em sua breve duração, o novo ordenamento chamou os indivíduos a alargar a perspectiva sobre a realidade transtornada pela pandemia de covid-19. Diante do prolongamento da pandemia no Brasil e das demais crises que com ela sucederam, reflexões sobre o “novo normal” foram aprofundadas e ganharam novos contornos a partir das experiências produzidas nesse cotidiano alterado. O presente artigo analisa material produzido por pesquisa que buscou compreender transformações suscitadas pela pandemia no processo de individuação de jovens brasileiros.

O projeto de pesquisa original¹, iniciado em 2017, tem como objetivo analisar o cotidiano de estudantes universitários a partir da provocação para falarem sobre si por meio de

¹ O projeto de pesquisa foi iniciado no ano de 2017 com o título “Eu sou muitos: compreendendo imagens e processos de individuação de jovens estudantes”, a partir da organização de trabalhos de fotografia do cotidiano de estudantes de oitavo período do Curso de Pedagogia da UFF, na disciplina “Ciências Sociais: conteúdo e método” que iniciamos no ano de 2012. Com a renovação da Bolsa Produtividade do CNPq, o projeto foi ampliado e recebeu um novo título: “Juventude e Cultura Visual: cotidianos revelados em fotografias de jovens estudantes (CNPq/UFF)” – Coordenação: Prof. Dr. Paulo Cesar Rodrigues Carrano.

um conjunto de fotografias e textos curtos sobre elas. Entre julho de 2020 e janeiro de 2021, a pesquisa foi marcada pela vivência da crise sanitária convidando, portanto, a um recorte analítico particular dos materiais produzidos. Ao lado de retratos acerca de um espaço-tempo marcado pelo decreto de isolamento social, não foram poucos os jovens a optarem por lançar luz sobre as novas visões de si e do mundo desencadeadas com o cotidiano pandêmico. Dessa forma, o grupo de pesquisa optou, nessa etapa da investigação, por concentrar as análises sobre fotografias e textos descritivo-narrativos que expressaram as experiências cotidianas e reflexões dos estudantes participantes que vivenciavam o momento pandêmico.

Etimologicamente, a palavra reflexão data do latim e significa ver de novo. Se nem todo ou qualquer ato de reflexão articula-se ao processo de reflexividade, compreendemos que consiste em movimento basilar para que esse aconteça. Na mesma medida, se não basta reflexividade para a conquista de autonomia, independência e liberdade, essa refere-se ao exercício fundamental para o seu desenvolvimento no contexto das sociedades contemporâneas. Nesse sentido, parece-nos coerente problematizar as reflexões trazidas pelos jovens em seus relatos-imagéticos, articulando-as com seu processo de fabricação de si.

REFLEXIVIDADE E INDIVIDUAÇÃO

A reflexividade é o processo continuado de pensar sobre si mesmo, considerando como ações, pensamentos e emoções afetam a vida e as relações com os outros. O desenvolvimento da reflexividade contribui para a tomada de decisões informadas e conscientes sobre o que é importante no plano da vida individual e das relações sociais. Aplicada aos valores, ações e comportamentos, a reflexividade favorece que jovens aprendam a lidar com suas emoções e isso pode significar melhorias para as suas relações interpessoais, sua comunicação e sua resolução democrática de conflitos.

A individuação, por sua vez, é entendida como movimento de se tornar quem se é. Contudo, ao tratar da individuação, devemos ter claras as diferenças entre as dimensões de autonomia, independência e liberdade (Pappámikail, 2010). Diante das instabilidades do mundo do trabalho que levam ao prolongamento da dependência financeira dos laços familiares (Pais, 2005), o desenvolvimento de competências psicossociais que permitem o indivíduo fazer escolhas a favor de si (autonomia) não caminha necessariamente com autogestão material (independência), tampouco com a garantia de viabilizar suas intenções (liberdade) face aos constrangimentos exteriores. Assim, ampliar o autoconhecimento e o conhecimento do mundo não assegura a (total) autorrealização, ainda que, como sujeito reflexivo, integrante de uma

sociedade singularista (Martuccelli, 2010), o trabalho que realiza sobre si constitua-se em parte importante nessa direção.

As relações entre reflexividade e individuação consistiram em problema de estudo para autores de diferentes campos, sobretudo nos estudos da juventude. Para Erik Erikson (1976), durante a adolescência, a reflexão sobre si mesmo assume posição destacada na construção da identidade e na formação da personalidade do adolescente. Na teoria do desenvolvimento cognitivo de Jean Piaget (1977), o aumento da capacidade do pensamento abstrato e hipotético na adolescência torna-se relevante para a reflexividade, por permitir que os sujeitos pensem sobre si mesmos e sobre a realidade de maneira mais profunda e complexa. Assim, pode-se dizer que a reflexividade ganha relevo, de um ponto de vista psicológico, por contribuir para que os jovens constituam identidade compreendendo sua própria perspectiva e o ponto de vista dos outros.

O desafio é tanto maior quanto mais as sociedades se tornam complexas e heterogêneas. O psicólogo e sociólogo Alberto Melucci, no contexto de sua teoria da ação coletiva e da identidade social, argumenta que a identidade de uma pessoa é influenciada não apenas pelas características individuais, mas também pela participação em grupos sociais. Melucci (2004) também reconhece, na reflexividade, a importância para a formação da identidade e do processo de individuação. Ela possibilita que as pessoas reconheçam a complexidade das relações sociais e reflitam sobre suas próprias ações e as ações dos outros, bem como sobre a influência dos contextos sociais em que estão inseridas. Para os jovens, a reflexividade torna-se especialmente significativa por permitir que experimentem diferentes identidades e, nesse “jogo do eu” (Melucci, 2004), fortaleçam sua capacidade de realizar escolhas e de desenhar um projeto de vida orientado à satisfação de seus desejos e necessidades.

O sociólogo Anthony Giddens (2002), no âmbito de sua teoria da modernidade reflexiva, enxerga a reflexividade como sendo decisiva para o desenvolvimento da identidade e da autonomia pessoal por permitir que as pessoas deem sentido às suas ações e escolhas, fortalecendo o que chamou de “estabilização do eu”. De acordo com o autor, no processo de fabricação de indivíduos crescidos em sociedades nas quais os rituais desapareceram e as instituições não oferecem orientações precisas, o constante autoconfronto é imperativo. O peso de ter de dar, individualmente, significação a cada passo do caminho biográfico é sentido comumente como insegurança e ansiedade. Nesse contexto, Giddens (2002) aponta que a reprodução de rotinas diárias constitui-se em suporte importante para atenuar o mal-estar, uma vez que a regularidade preserva o indivíduo de lançar-se a questões existenciais, oferecendo, assim, alguma segurança. Na mesma medida, após a vivência de eventos que exigem reconfigurações da vida psíquica, o processo de reflexividade se impõe como perspectiva que pode permitir que se encontre o novo sentido do eu.

As narrativas de jovens estudantes que constituem o acervo da pesquisa durante o período pandêmico revelam distintas e contíguas temporalidades diante do fenômeno sanitário que a todos alcançou. O encontro inicial com o inesperado, a necessidade de reorganizar cotidianos e refazer as interações sociais em contexto de isolamento social e, logo, a retomada da vida cotidiana que exigiu a reinvenção dos laços sociais foram um processo de aprendizagem sobre si. O longo período de quarentena deu lugar ao novo desafio de recompor a ordem das interações corpóreas e presencialmente.

MATERIAL E MÉTODOS

O artigo resulta da análise do material empírico da pesquisa “Juventude e Cultura Visual: cotidianos revelados em fotografias de jovens estudantes” (UFF/CNPq), voltado a investigar cotidianos de estudantes universitários. O acervo consiste em 3.481 fotografias, produzidas por 492 estudantes/fotógrafos, organizadas em álbuns digitais de duas maneiras: eixo individual, que preserva o ensaio completo de cada estudante, e eixo temático, com categorias identificadas de forma dedutiva pela equipe da pesquisa. Os eixos temáticos mais recorrentes incluem vida universitária, mobilidade urbana, tempo, trabalho e relações familiares. O método de produção dos dados baseia-se na provocação a jovens do curso de Pedagogia da Universidade Federal Fluminense para contarem a história do seu cotidiano em até dez fotografias e um texto descritivo-analítico.

O material produzido em 2020 consiste em 51 ensaios contendo 308 fotografias e textos de estudantes de Pedagogia, com idades entre 20 e 30 anos. No contexto da pandemia de covid-19, esse material revela uma mudança abrupta e inesperada vivenciada mundialmente. Em contraste com os ensaios anteriores, que enfatizavam o ritmo acelerado do deslocamento no espaço urbano, a vida no campus universitário e os diferentes locais de trabalho, os ensaios de 2020 destacam intensamente o ambiente doméstico e suas novas múltiplas funções. O processo de organização dedutiva do acervo constituído durante a crise sanitária resultou na criação de quatro categorias de codificação, nas quais todo o acervo de 2020 foi classificado: (1) Cuidado de si e com o outro; (2) Casa: trabalho, estudo e lazer; (3) Reflexões pandêmicas; e (4) Emoções e afetos.

A categoria “Cuidado de si e com o outro” abrange 64 imagens, que destacam o cuidado pessoal, o zelo pelos companheiros de isolamento e medidas preventivas contra a covid-19. A categoria “Casa: trabalho, estudo e lazer” inclui 126 fotografias mostrando a adaptação do ambiente doméstico para abrigar diversas atividades, como trabalho remoto, estudo on-line

e entretenimento limitado. O conjunto categorizado sob o eixo “Emoções e afetos” consiste em 78 fotografias acompanhadas de textos narrativos. Nossa análise neste artigo se detém sobre a categoria “Reflexões pandêmicas”, que compreende 34 narrativas imagéticas-textuais, produzidas por 21 estudantes do oitavo período do curso de Pedagogia — 17 mulheres e três homens, com idades entre 18 e 25 anos.²

A categoria “Reflexões pandêmicas” é deduzida de uma parcela do acervo que, embora não fosse expressiva em sua quantidade em comparação com as demais, mostrou-se relevante por reunir materiais que demonstraram maior profundidade reflexiva dos jovens sobre as múltiplas camadas do seu cotidiano alteradas pelo contexto pandêmico.

Buscamos em nossa análise uma leitura combinada de fotografias e textos descritivos-narrativos elaborados pelos próprios estudantes, compreendendo a complementaridade entre as linguagens para a produção e leitura dos dados.

RESULTADOS

O conjunto de materiais analisados revela que, durante o contexto da pandemia, os jovens produziram reflexões acerca do valor das experiências estéticas no cotidiano (cinco fotos/relatos), o que intitulamos “Poesia cotidiana”; da fragilização de seus laços sociais (sete fotos/relatos), nomeado aqui como “Redes afetivas”; e da reconfiguração das relações com o tempo e o espaço (nove fotos/relatos), subcategoria “Tempo-espaço”.

Fazemos a seguir uma análise descritiva dos dados de cada categoria, priorizando fotos e citações que nos parecem ilustrativas. É importante esclarecer que, ao mencionar o jovem autor das fotos/relatos, aludimos a um nome fictício atribuído a cada um no intuito de favorecer a leitura do texto e “pessoalizar” os sujeitos que contribuíram com a pesquisa.

Poesia cotidiana

Ao olharmos para as representações associadas aos sentidos e sensações, vemos que o cotidiano fechado em casa e nas telas, vivido no contexto urbano, levou à percepção da relevância das experiências estéticas. De um lado, há aqueles que apontam ao papel de sensações e sentimentos derivados de vivências no espaço público. De outro, quem reconheça o valor da beleza e da imaginação para a produção de deslocamentos subjetivos importantes ao

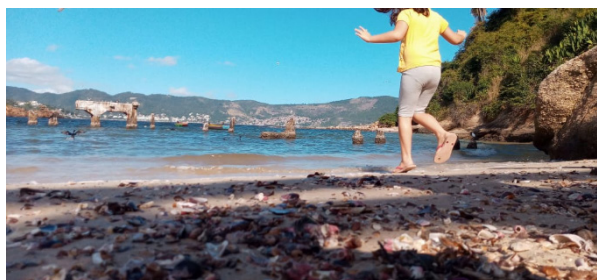
² Uma primeira apresentação dos dados e metodologia da pesquisa foi feita em Carrano, Matos e Silva (2023).

enfrentamento do mal-estar.

No primeiro eixo, encontramos uma fotografia que remete à descoberta de novos territórios da cidade, e outra que nos fala de reflexões sobre lugares comumente frequentados antes do decreto de isolamento social. A primeira mostra como a restrição do acesso à cidade convidou a novas experiências no espaço público. A jovem Rosália, moradora da Baixada Fluminense, região metropolitana do Rio de Janeiro, decidiu se aventurar até a zona sul da capital que, ao seu ver, reunia refúgios seguros para a partilha de momentos de lazer com o namorado. Uma romântica paisagem da Pedra do Arpoador é acompanhada por depoimento textual sobre as brechas abertas pela pandemia para cruzar novas fronteiras.

Já a segunda narrativa consiste em um autorregistro da jovem Tatiany na praia perto de sua casa, ao lado da amiga e sua filha pequena (Figura 1). Diferentes ângulos e enquadramentos, sempre carregados de luz forte e cores vibrantes, são buscados pela jovem para mostrar os múltiplos estímulos sensoriais acionados pela presença em um ambiente largo, de mar, pedras, areia e sol. Apesar de já ter frequentado aquele espaço diversas vezes, o encurtamento das experiências estéticas entre as paredes da casa levou-a a reconhecer a importância do contato com a natureza, principalmente para as crianças.

Figura 1. Passeio na praia



Fonte: Acervo da pesquisa.

Fotos e relatos que aludem ao belo e ao onírico seguem na mesma direção: a música de Chico Buarque invade a casa, acolhe e “faz lembrar que vai passar”; a beleza das frutas molhadas na pia de Mariana remete à “certa poesia” necessária para ultrapassar momentos difíceis (Figura 2); a cama guarda o sonho e, com ele, a possibilidade de a cada noite fazer do deslocamento subjetivo um modo de resistência — “apenas oniricamente posso viajar”, escreve Amanda, ao lado de uma acolhedora luz vermelha que fotografa seu quarto. A busca por felicidades possíveis em meio à crise sanitária levou Vanusa a também reconhecer o “valor das coisas pequenas” (Vanusa).

Figura 2. Frutas na pia

Fonte: Acervo da pesquisa.

Redes afetivas

Efeitos da privação de emoções positivas foram objeto do conjunto de materiais compreendidos como “redes afetivas”. Nelas, os jovens indicam uma profusão de sentimentos “em preto e branco” (Clarice) desencadeados pelo isolamento social — tristeza, angústia, solidão, desconexão e desesperança são expressões da maioria dos registros.

Ponderações acerca do sentimento de desvinculação após a interrupção do acesso à internet foram feitas por Daniela num autorretrato refletido pela tela do computador que informa tentativa de reconexão, uma metáfora para aludir ao distanciamento e, ao mesmo tempo, à dificuldade de ler o mundo provocada pela crise pandêmica. Afinal, “tudo está desconexo”, ressalta a jovem. A mesma sensação de estranhamento e obstáculo para acessar o outro é expressa por Viviane, que destaca as máscaras sobre a mesa como símbolo das barreiras enfrentadas nesse período para lograr o encontro (Figura 3). A mesa cede o lugar de reunião entre os familiares para se tornar plataforma de depósito de objetos voltados a garantir “os limites para associações, conexões, vinculações, desconstruindo convívios e afastando uns dos outros” (Viviane, 2020). A máscara como representação do afastamento experimentado durante a crise sanitária também é usada por Clarice. Em preto e branco, a jovem busca dar o tom das sensações acromáticas que mostram, segundo Viviane (2020), “um retrato do que relações interpessoais se tornaram com a pandemia: encontros de rostos semicobertos, marcados pela distância”.

Figura 3. Máscaras



Fonte: Acervo da pesquisa.

Já o portão fechado de Simaria (Figura 4) e a porta hipertrancada de André (Figura 5) aludem mais especificamente a questionamentos sobre solidão e solidariedade. Remetendo às várias crises engendradas pela pandemia, André pondera o quanto, ao se isolar, “estou me protegendo do mundo ou protegendo o mundo de mim” (André, 2020). Na mesma linha, Simaria se pergunta sobre a irresponsabilidade e o egoísmo de seus pares — para ela, em nome da vivência da juventude, há quem se veja no direito de “seguir a vida normal”, fazendo suas festas aos finais de semana, a despeito dos efeitos negativos que possam repercutir nos demais.

Figura 4. Portão fechado



Fonte: Acervo da pesquisa.

Figura 5. Porta hipertrancada

Fonte: Acervo da pesquisa.

Finalmente, vemos que as reflexões sobre os laços sociais passaram também pelos laços consigo. Em imagem que estampa a própria penumbra na varanda, Amanda (2020) sinaliza que a quarentena a convidou para o autoconhecimento, em particular à “lida com nossas sombras”. Embora reconheça que a pandemia tenha suscitado uma série de desafios, por outro lado, a mudança de hábitos antes pouco saudáveis puderam ser reparados com o contato mais íntimo e pessoal com o espaço da casa. Amanda também percebe, na observação de sua sombra, o movimento cíclico do tempo “entre solstícios e equinócios” (Figura 6), percepção nova que ajudou a encontrar certa “paz interior” (Amanda, 2020).

Figura 6. Sombra na parede

Fonte: Acervo da pesquisa.

ESPAÇO-TEMPO

O último grupo de fotos e textos reúne a maior quantidade de relatos imagéticos. As alterações na vivência do espaço decorrentes da necessidade de permanecer no ambiente doméstico ecoaram em novas percepções sobre o tempo e os espaços públicos. Algumas narrativas sinalizam a pertinência de associar as noções de tempo e espaço, assim como o inevitável imbricamento entre essas categorias que dificulta analisá-las em separado.

A estudante Carla (2020) reflete sobre a sensação de paralisia do tempo quando se “está na bolha”, e busca movimento através da paisagem que oferece sua janela. A janela como portal de acesso ao tempo social é também percebida por Lívia: pelas frestas, ela pode “respirar” e “lembrar que a vida continua” (Lívia, 2020). Kamila, por sua vez, é convidada a pensar sobre o futuro nos passeios pontuais que consegue realizar nas redondezas de casa. Ao deparar-se com um longo trilho de trem em perspectiva renova os sonhos para o futuro — em suas palavras —, “um belo horizonte, que eu diria que poderia representar a esperança, esperança de dias melhores” (Kamila, 2020) (Figura 7).

Figura 7. Horizonte



Fonte: Acervo da pesquisa.

Vemos que a dificuldade de ver longe por entre as paredes da casa despertou igualmente em outros jovens questões relacionadas ao medo e à esperança. Com uma foto do carrinho cheio no supermercado, Vanusa reflete sobre o amanhã turvo neste “novo normal” (Vanusa, 2020) e suas estratégias para lidar com a dúvida sobre o que virá — é preciso fazer estoque para se proteger. Rafael, por sua vez, busca ancorar-se na fé religiosa, recolocando a escultura da Sagrada Família sob a mesa de cabeceira. Já Clarice pergunta sobre cenas possíveis nas

suas limitadas andanças pelo espaço público que possam ajudá-la a marcar “um final ou um recomeço de mais um dia neste cotidiano” (Clarice, 2020). Com uma flor em primeiro plano, encontrada no esvaziado campus universitário, alimenta a crença no renascimento (Figura 8).

Figura 8. Flor em primeiro plano



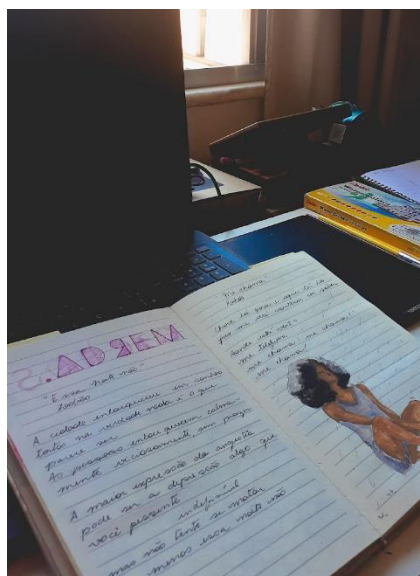
Fonte: Acervo da pesquisa.

Reflexões sobre o tempo são trazidas também na alusão aos desafios de ministrar as atividades do presente e de compreender os fluxos temporais. Imagens de relógios, celulares, refeições, pijamas, plantas dão a forma das questões em jogo. Joana (2020) reconhece que “independente do pijama, a vida segue seu ritmo” (Figura 9), e diz estar encontrando na observação do ciclo de suas plantas um meio para dar esse ritmo para a sua própria vida. Vemos assim que, como a já citada Amanda que encontrou tranquilidade de espírito ao acompanhar o regular movimento do sol, conectar-se ao tempo da natureza configurou em resistência importante a Joana.

Figura 9. Pijamas

Fonte: Acervo da pesquisa.

Para alguns, o cotidiano homogêneo modulou a experiência, levando a “sobrar tempo” (Maria, 2020) e a reverenciar momentos pouco rotineiros (Kamila). Convém mencionar que, para Maria, o tempo livre despendido entre cadernos e livros já era vivido antes da quarentena, a novidade suscitada nesse período esteve sobretudo na ampliação dos momentos sob a escrivaniha dada a maior disponibilidade de tempo em casa (Figura 10).

Figura 10. Escrivaniha

Fonte: Acervo da pesquisa.

Para outros, a exaustão foi o que mais chamou atenção — “estou cansada, o tempo todo estou cansada”, reforça Vanusa (2020), com o rosto em tons de cinza fechado com o antebraço, onde tatuou palavras e expressões definidoras de seu cotidiano pandêmico - isolamento social, medo, incertezas, maternidade, cobranças, trabalho, faculdade, família... (Figura 11).

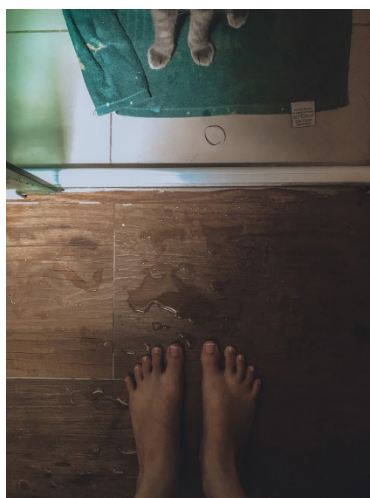
Figura 11. Cansaço



Fonte: Acervo da pesquisa.

Aceitar retrocessos desencadeados pela pandemia e encontrar táticas para enfrentar a crise econômica que a precedeu deu o tom da reflexão de Andrea. Com os pés à beira do chuveiro, a jovem foi obrigada a dar um passo atrás (Figura 12). Para ela, a pandemia significou um retrocesso no campo da autonomia e da independência. Forçada a voltar para casa dos pais após perder o primeiro emprego, viu seus planos escoarem pelo ralo.

Figura 12. Passo atrás



Fonte: Acervo da pesquisa.

Ecoss do passado também ressoam no cotidiano de outros jovens da pesquisa. Na busca por uma imagem que desse conta de traduzir suas expressões, André (2020), em meio à sua porta hipertrancada, foi invadido por memórias encarnadas “de um passado que hoje eu chamo de distante”, afinal, a dança e o teatro já não encontram espaço em tempos de isolamento social. A restrição da experiência do espetáculo, seja artístico ou esportivo, levou os jovens a perceberem-no como fenômeno de outro tempo. Cecília evoca o último momento em que presenciou um evento — final de uma partida de futebol no estádio Maracanã. “Na quarta-feira de cinzas fiz minha última aglomeração“, lembra ela (Cecília, 2020). A imagem resgatada do seu acervo para compor a pesquisa sinaliza a busca por refletir sobre o que viveu e hoje não encontra lugar. Antônio e Maria Rita, em tons igualmente nostálgicos, captam paisagens de uma cidade que “já não é mais a mesma” (Antônio, 2020) (Figura 13).

Figura 13. Outra cidade



Fonte: Acervo da pesquisa.

O QUE OS JOVENS FIZERAM DE SI COM O QUE A PANDEMIA FEZ DELES

As questões com as quais os sujeitos investigados se confrontaram a partir da experiência pandêmica trazem pistas do que fizeram com o que esse evento fez deles. Em outras palavras, são potencialmente reveladoras de transformações nos valores, visões e táticas inventadas para enfrentamento de seus desafios. A pesquisa indica que, à luz do contexto desses jovens — universitários, brasileiros, a maioria mulheres, e de classes populares —, o isolamento social

provocou reflexões sobre questões relacionadas: à qualidade dos estímulos sensoriais e dos encontros sociais; ao pertencimento e senso de coletividade; à relação com os espaços públicos; à mediação com o mundo pela rede mundial de computadores; às múltiplas camadas do tempo; e aos riscos e incertezas das sociedades contemporâneas.

Ao nos debruçarmos sobre os pontos que chamaram a atenção do grupo, constata-se que a pandemia exacerbou sintomas de conjunturas sócio-históricas cujas raízes já estavam postas, permitindo a desnaturalização de realidades muito além da circunscrita pela crise sanitária. Nesse sentido, se os dados da pesquisa são insuficientes para dizer em que extensão as novas visões produzidas pelos jovens a partir e durante a quarentena impactaram suas escolhas biográficas, podemos afirmar que essas convidaram a elaborar circunstâncias sociais que seguiram/seguirão enfrentando. Vejamos brevemente as principais, lembrando situações nas quais seus sintomas emergiram.

Bem-estar e experiência estética

Ao serem privados de se colocar fisicamente em ambientes e situações para além da casa e das redes telemáticas, os jovens reconheceram o valor do corpo/sentidos (Larrossa, 2017) e do contato com a natureza e os espaços públicos da cidade para o bem-estar. Como reflete a jovem Tatiany após a primeira oportunidade de ir à praia passados longos meses em quarentena, “o corpo de algum modo sorria à oportunidade de experimentar como se fosse novidade, os pés tocarem na areia, o vento massagear o rosto e a música melodiosa a tocar notas de saudades”. Assim, se antes da pandemia os usos da cidade eram restritos entre os jovens das urbes brasileiras, não apenas dadas as barreiras estruturais — violências, falta de tempo, acesso à transporte público e à equipamentos de cultura e lazer etc. —, mas também em razão da predominância das práticas de “tempo livre on-line” entre as novas gerações (Feixa, 2000; Castells, 2003; Carrano; Pereira, 2022), quando as mídias digitais se tornaram o único caminho de acesso ao mundo, ficou clara sua limitação. Os resultados da pesquisa sinalizam que a necessidade de ativação dos sentidos para a produção de sensações e sentimentos positivos foi percebida em especial por aqueles que conseguiram escapar pontualmente das medidas de isolamento social, ou seja, que viveram situações contrastantes.

O bem-estar experimentado através da fruição artística também foi reconhecido. Nesse caso, destaca-se menos os efeitos das sensações provocadas no corpo do que aqueles disparados na imaginação. Levando em conta ainda o relato a iluminar a poesia das frutas na pia, podemos ler esse conjunto de reflexões como uma alusão à relevância da experiência estética na chave do psicólogo James Hillman. Atento à feiura do mundo moderno — racionalista, desencantado, midiático, urbanizado — e o consequente mal-estar provocado pela dificuldade do sujeito ser afetado, Hillman (2010) aponta para a experiência estética como resposta. Para o autor,

a experiência estética é aquela que se produz no contato com tudo o que é belo e mobiliza o *pensamento do coração* (Hillman, 1979) — afinal, é nos deixando tocar pelo mundo que afloram os sentidos e a imaginação.

Pesquisas sobre os efeitos do isolamento social na sociabilidade juvenil durante a pandemia de covid-19 indicam que ele produziu impactos significativos na saúde mental dos jovens (Silva; Sales; Monteiro, 2020; Jones; Mitra; Branje; Amanda, 2022; Pereira, 2024). Há evidências de que o aumento do tempo gasto em mídias sociais e jogos on-line pode ter prejudicado o desenvolvimento socioemocional dos jovens. Isolados em suas casas, os jovens afastaram-se de habilidades sociais significativas relacionadas com a resolução de conflitos e a cooperação, produzindo, ainda, consequências no âmbito da empatia diante da privação da participação em atividades coletivas relacionadas com os eventos públicos, a restrição de viagens, os esportes e as atividades de lazer. Os estudos citados que correlacionam a pandemia e a saúde mental de adolescentes apontam para o aumento significativo do sentimento de solidão, de problemas de sono e dos casos de depressão e ansiedade.

É preciso ressaltar, contudo, que nem todos os jovens foram afetados (unicamente) de forma negativa por esse período excepcional, isso porque o modo como lidam com as experiências são amplamente variáveis — como vimos, houve quem encontrasse por meio das experiências estéticas uma alternativa. Ao mesmo tempo, devemos considerar que muitas das restrições às atividades coletivas de lazer já vinham de antes, assim como os altos índices de ansiedade e depressão entre os jovens globalmente (WHO, 2017).

Solidão on-line

Os estudos revisados na interface pandemia, saúde mental e juventude vão igualmente ao encontro dos resultados de nossa investigação no que tange ao peso da solidão provocado pela alteração nos modos de relacionamento, em especial, entre os pares. Com os encontros encurtados pelas luzes e sonoridades digitais, o outro foi sentido distante, levando os participantes da pesquisa a se atentar às limitações do suporte oferecido pelas novas tecnologias para atender à sua demanda de sociabilidade e afeto. Novamente aqui encontram-se pistas de reflexões ancoradas na interface corpo e novas tecnologias, que, nesse caso, observam mais especificamente o valor da presença, do encontro cara a cara, desmascarado, para a satisfação emocional/afetiva.

O confinamento teria descortinado à geração hashtag (Feixa, 2000) a insuficiência da hiperconexão mediada por aparatos digitais para garantir o senso de pertencimento e acolhida necessários no cotidiano? Cristina Corea lembra que a conexão permanente oferecida pelas tecnologias digitais oferece pouca possibilidade de conversação (Corea; Lebowowicz, 2004). Jesús Martin-Barbero (1997) destaca, por sua vez, que a aposta de que a internet contribuiria

para unir as pessoas em torno de uma comunidade é utópica. Trata-se, segundo o autor, tão somente de um meio que põe em contato uma profusão de indivíduos. Na mesma linha, pesquisas recentes percebem que, no lugar do senso comunitário, tem predominado nas mídias on-line o *individualismo em rede* (Manago; Vaughn, 2015; Reich, 2010). Dessa forma, se, aos chamados nativos digitais, os efeitos de suas práticas de comunicação talvez fossem sombreados pela naturalidade em que se processavam, os resultados obtidos aqui sinalizam que a experiência pandêmica levou alguns jovens a reconhecerem seus limites para o enlaçamento afetivo.

Tempo digital: memória, cotidiano, esperança

Limitações do digital como único caminho de acesso ao mundo foram novamente identificadas nos relatos imagéticos que aludem ao tempo-espaço. Vemos que, em um modo de vida que se desenrolou unicamente dentro do espaço da casa, o relógio sem ponteiros do digital não garantiu a conexão entre tempo social e tempo interior, dificultando a continuidade do eu, como já percebia Alberto Melucci (Melucci, 2004).

O isolamento social levou alguns jovens a se distanciar de suas vivências prévias no espaço público e com a “multidão” (Benjamin, 1987), transformando as memórias em fios soltos. A outros, fez perceber que o alcance de certos marcadores da vida adulta — saída da casa dos pais, entrada no mercado de trabalho, ingresso no ensino superior — não se consistem em rituais garantidores da passagem entre fases. Conforme aponta Machado Pais (2005), as novas gerações tendem a percursos que se caracterizam pelo movimento vai e vem do ioiô, dados os riscos e incertezas das sociedades contemporâneas, que se acirram com a precarização do trabalho. Ao observarmos as taxas de desemprego durante o contexto pandêmico no Brasil, não restam dúvidas de que o retrocesso marcou o compasso de muitos jovens — os sujeitos entre 14 e 24 anos alcançaram, em 2021, o índice histórico de 46,3% (IBGE, 2021).

No embaralho entre o passado perdido e o futuro adiado, ponderações acerca da gestão do presente estiveram na ordem do dia. Parados no espaço, o tempo social foi percebido em grande medida pelo fluxo ininterrupto das mídias eletrônicas. E se a correria do deslocamento às atividades obrigatórias deu trégua, as tarefas não deixaram de se multiplicar. O chamado à presença simultânea em vários ambientes virtuais e a necessidade de estabelecer os próprios limites entre trabalho, lazer e descanso convidou à reflexão sobre o cansaço que acompanha os contemporâneos (Han, 2015).

Com efeito, os dados sobre a vivência do cotidiano pandêmico confirmam que “os tempos quotidianos escorrem por espacialidades distintas que vão do privado ao público, misturando tempos obrigacionais e recreacionais em actividades diversas” (Pais, 1998), portanto quando o dia a dia acontece inteiramente no espaço privado, borram-se os limites entre as ocupações de lazer e aquelas obrigatórias, dias úteis e fins de semana. No entanto, a perda de marcadores que

antes davam o ritmo do dia a dia convidou a inventar novos ponteiros, sobretudo em sintonia com ciclos de elementos naturais. Cabe mencionar que o mesmo quadro de resistências à dificuldade de estabelecer uma rotina quando a relação com o mundo é quase inteiramente mediada pelas tecnologias a partir de um mesmo espaço — a casa — foi verificado na pesquisa realizada por Guzzo, Marcello e Muller (2020). Neste estudo, debruçado sobre famílias brasileiras e a relação com as crianças durante o decreto de quarentena, percebe-se que o enfrentamento passou pela tentativa de demarcação das balizas entre tempo livre e tempo de produção, entre espaços privado e coletivo no próprio domicílio, e entre os papéis de mãe/professora e filha/aluna.

Pode-se dizer, enfim, que aprisionados dentro de casa e com a perda da regularidade oferecida pela rotina, os sujeitos reconheceram o valor das referências para a produção de sentido na vida cotidiana (Martins, 1998) e da necessidade da repetição diária de certos eventos para atenuar o mal-estar próprio dos *reflexivos modernos* (Giddens, 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As elaborações textuais e imagéticas dos jovens sobre o cotidiano durante o período marcado pela pandemia de covid-19 revelam constrangimentos e buscas de superação dos desafios a partir de aprendizagens que permitiram novos olhares sobre o mundo e sobre si. A relação com as tecnologias, o tempo, os espaços públicos e privados, o afeto, o corpo e os sentidos marcaram os pensamentos dos participantes da pesquisa.

Nessa perspectiva, o conjunto de fotografias e textos descritivo-analíticos que nos lançamos a compreender reafirma o lugar decisivo da reflexividade para a orientação existencial dos indivíduos em nossas sociedades de amplas complexidades e incertezas. Diante dos limites, desafios e interditos, “ser reflexivo” torna-se recurso subjetivo decisivo para a elaboração de si e da realização de escolhas que contribuem para a construção de percursos próprios e autônomos.

Em que medida a percepção crítica que emerge desse contexto se estende no período pós-pandêmico e permite resistências a desafios que já estavam postos, cabe ser observado em pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

1. BRANJE, Susan; MORRIS, Amanda. The impact of the COVID-19 pandemic on adolescent emotional, social, and academic adjustment. **Journal of Research on Adolescence: The Official Journal of the Society for Research on Adolescence**, Hoboken, v. 31, n. 3, p. 486-499. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/jora.12668>. Acesso em: 20 jun. 2024.
2. BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Brasília, DF: Brasiliense, 1987.
3. CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues; MATOS, Daniela Abreu; SILVA, Ana Paula da. A vida por um fio viral: emoções e afetos no cotidiano fotografado por jovens estudantes. **Advir**, Rio de Janeiro, p. 82-90, jul. 2023. Disponível em: <https://asduerj.org/a-vida-por-um-fio-viral-emocoes-e-afetos-no-cotidiano-fotografado-por-jovens-estudantes/>. Acesso em: 20 jun. 2024.
4. CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues; PEREIRA, Maria Rodrigues. **Atividades de tempo livre de jovens ibero-americanos em análise comparativa**. São Paulo: Fundação SM, 2022.
5. CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
6. COREA, Cristina; LEWCOWICZ, Ignacio. **Pedagogia del Aburrido: escuelas destituidas, familias perplejas**. Buenos Aires: Paidós Educador, 2004.
7. ERIKSON, Erik. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1976.
8. FEIXA, Carles. Generación @ la juventud en la era digital. **Nómadas**, Bogotá, n. 13, p. 75-91, out. 2000.
9. GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
10. HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
11. HILLMAN, James. **O pensamento do coração e A Alma do Mundo**. São Paulo: Verus, 2010.
12. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2021.
13. JONES, Elizabeth AK; MITRA, Amal K.; BHUIYAN, Azad R. Impact of COVID-19 on mental health in adolescents: a systematic review. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, [s. l.], v. 18, n. 5, p. 2470, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph18052470>. Acesso em: 5 set. 2023.

14. LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
15. MANAGO, Adriana; VAUGHN, Lanen. Social media, friendship, and happiness in the millennial generation. **Friendship and Happiness: Across the Life-Span and Cultures**, Dordrecht, p. 187-206, 2015. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-94-017-9603-3_11. Acesso em: 5 set. 2023.
16. MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1997.
17. MELUCCI, Alberto. **O jogo do Eu**: a mudança de si em uma sociedade global. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.
18. PAIS, José Machado. As cronotopias das práticas culturais do cotidiano. **Observatório das Atividades Culturais**, [s. l.], v. 4, p. 7-9, 1998.
19. PAIS, José Machado. **Ganchos, tachos e biscates**: jovens, trabalho e futuro. 3. ed. Porto: Âmbar, 2005.
20. PEREIRA, Maria Rodrigues. **O lugar da criação artística entre jovens de camadas populares**: sentidos e suportes da arte a estudantes da rede estadual fluminense. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2024.
21. REICH, Stephanie. Adolescents' sense of community on MySpace and Facebook: A mixed-methods approach. **Journal of Community Psychology**, Hoboken, v. 38, p. 688-705, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/jcop.20389>. Acesso em: 5 set. 2023.
22. PAPPÁMIKAIL, Lia. Juventude(s), autonomia e Sociologia: questionando conceitos a partir do debate acerca das transições para a vida adulta. **Sociologia**: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, v. 20, p. 395-410, 2010.
23. PIAGET, Jean. **Psicologia da inteligência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1977.
24. SILVA JUNIOR, Fernando Jose Guedes da *et al.* Impact of COVID-19 pandemic on mental health of young people and adults: a systematic review protocol of observational studies. **BMJ Open**, London, v. 10, n. 7, e039426, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2020-039426>. Acesso em: 5 set. 2023.
25. WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Depression and other common mental disorders**: global health estimates. Geneva: WHO, 2017.

Paulo Cesar Rodrigues Carrano

Professor Associado IV na Faculdade de Educação e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3312->

1362. Colaboração Pesquisa bibliográfica, Pesquisa empírica, Análise de dados, Redação e Revisão. E-mail: pc_carrano@id.uff.br

Maria Rodrigues Pereira

Diretora da Praga Conexões. Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9376-5293>. Colaboração: Pesquisa bibliográfica. Análise de Dados e Redação e Revisão. E-mail: maria@pragaconexoes.com